

NOSSA TERRA E NOSSA GENTE

INGLESES NO BRASIL

C. S. F.

Grandes viajantes, os ingleses andaram longamente pelo território brasileiro, escrevendo curiosas observações sobre os costumes de nossos antepassados; seus cientistas e engenheiros pesquisaram a flora, a fauna, os minérios; comerciantes fizeram seus negócios com bons lucros, professores e governantes viveram na intimidade das famílias brasileiras, resultando de tudo isso, além de obras de grande valor histórico e documentários de épocas passadas, também uma influência bem forte na língua, em certos hábitos alimentares, na feição de certos colégios.

A influencia inglesa no Brasil é bem antiga. Primeiro, foram as influências de segunda mão, isto é, vindas através de Portugal, que por muitos anos gravitou em órbita britânica, de modo especial no terreno econômico, desde que numerosos pactos e acordos foram assinados entre reis portugueses e a coroa britânica. Diga-se, de passagem, que tais acordos comerciais, segundo documentos, foram, via de regra, favoráveis aos ingleses, sendo corrente no século XVIII, a designação de que Portugal se transformara em 'vinha do Inglês'.

A vinda da Família Real lusa para nossa terra, seguida da abertura dos portos, em 1808, dá sequência à intensificação do comércio anglo-brasileiro. Daí por diante, em ritmo acelerado, começaram a chegar aos nossos portos mercadorias inglesas, objetos de ferro, de aço, de vidro, casemiras, queijos, manteiga, presuntos, pianos, mobílias, sabonetes, e até, segundo Gilberto Freyre, caixões de defuntos para crianças...

Foram os anuncios de jornais da época, a fonte básica de informações, além das crônicas de viagens, e que dizem da presença britânica entre nós, e das modificações surgidas deste fato. Por exemplo, as gelosias ou urupamas, que defendiam as casas dos olhares indiscretos dos transeuntes, acabaram, por serem tidas como "barbaras", "turcas" e "góticas", indignas das cidades. A moda era o vidro, vindo da Inglaterra; vidro e louça, vidro para caixilhos, vidro lapidado, vidro até para as janelas das carruagens... As grossas cortinas dos palanquins foram substituídas pelo vidro inglês. Ora, isso veio, além de melhorar as condições de luz das vivendas, ainda tornar mais elegantes os meios de transporte e divulgar as lunetas, telescópios, e vidros para corrigir a visão ou a simples fadiga causada pela idade.

Os antigos negociantes britânicos foram, entre nós, os principais propagadores do pão, do bife, da carne de carneiro, da manteiga, do bacalhau, este trazido da Terra Nova, do chá, das bolachinhas, das carnes de conserva, principalmente dos presuntos. Curioso é notar o quanto o bacalhau, trazido pelos brigues britânicos, se incorporou aos nossos hábitos. Os indivíduos de mais posses, naqueles tempos, ainda podiam variar um pouco a alimentação. Mas a grande maioria dos pobres aceitou a bacalhau como costumeiro na alimentação: bacalhu com farinha sob forma de pirão ou de farofa. Os senhores de engenho chegaram a pedir aos bispos que aumentassem os dias de abstinência de carne, dias de comida de peixes, principalmente de bacalhau, comida barata para a escravidão.

Os ingleses influenciaram nos remédios, mas não tanto como os franceses que aqui estiveram. Mas a magnésia inglesa e os calomelanos, a "Poção de Todd (feita de rum, xarope, tintura de canela, água destilada) e "Unguento de Holloway", o "Elixir anticolérico para Senhoras e Fidalgos" fizeram época. Também médicos ingleses tiveram boa clientela, e gozaram de real prestígio na época, como os drs. Richard Daunt e o dr. Guilherme Taylor March, este chamado o "Pai dos Pobres" no Rio de Janeiro.

O começo da coeducação em nosso país coincidiu com a ação dos ingleses nas principais famílias brasileiras. Professores e métodos ingleses, livros ingleses começaram a ser aceitos normalmente. Ora, esta atitude, do início do século XIX, é bem mais liberal do que o clima de horror a tudo que parecesse heresia: estudo de inglês, contato com hereges e maçons. Os tabus foram quebrados. Já em 1809, segundo pesquisa de Gilberto Freyre, a Gazeta do Rio de Janeiro anunciava "uma professora inglesa" com "casa de educação para meninas que queiram aprender a ler, escrever, contar e falar Inglês e Português, e cozer e bordar...". Governantas inglesas, das quais a mais conhecida foi Maria Graham, que foi governanta da Princesa Maria da Glória, levaram para as famílias brasileiras dos séculos XIX e começos do XX, novos métodos de ensino e novos modos de encarar os problemas.

Quanto à língua propriamente dita, ela passou a ser estudada, e muitos vocábulos ingleses foram adotados, e permanecem no vernáculo, como "breque, troll, tender, vagão, tilburi, grumete, bolinna, bife, uisque, redingotes (riding coats), gentleman, drink, garden-party, esporte, time, pudim, iate, esnober, reporter, draga lanche, high-life, best-seller, footing, poyer gol, e o futebol (foc-bol), jogo em que ninguém nos supera...

108.8.5.2 amp